

PÔSTER - OUTRAS TEMÁTICAS RELACIONADAS AO TEMA

**DISTANCIAMENTO DO LAR E UNIVERSIDADE: INTERFACES ENTRE
PSICOLOGIA E GENÉTICA NA ADAPTAÇÃO ACADÊMICA DE
ESTUDANTES DESLOCADOS – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Inácio Augusto Rocha Silva (inacioaugusto288@gmail.com)

Algeless Milka Pereira Meireles Da Silva (milkameireles@gmail.com)

Introdução:

O ingresso no ensino superior representa uma etapa marcante de transição para a vida adulta, especialmente para estudantes que precisam se afastar do lar para estudar em outras cidades ou estados. Esse distanciamento pode causar impactos emocionais, afetar o desempenho acadêmico e desencadear quadros de estresse, ansiedade e solidão. Recentemente, estudos em genética e neurociência têm ajudado a compreender como fatores biológicos também influenciam esse processo de adaptação.

Objetivos:

Este trabalho tem como objetivo geral analisar de que maneira o distanciamento do lar impacta a saúde mental e o desempenho acadêmico de estudantes universitários que migram em busca de formação superior. Especificamente, busca-se compreender como fatores biológicos, como a genética e a

epigenética, interagem com aspectos emocionais e cognitivos descritos pela psicologia educacional, influenciando os processos de adaptação, aprendizagem e regulação emocional nesse contexto.

Metodologia:

Trata-se de uma revisão bibliográfica teórica/narrativa, com base interdisciplinar, articulando teorias de Piaget, Wallon e achados da genética comportamental, neurogenética e epigenética. Foram utilizados estudos clássicos como os de Caspi et al. (2003), Meaney & Szyf (2005) e Plomin et al. (2016).

Resultados:

A análise teórica indica que fatores genéticos influenciam diretamente como estudantes reagem ao estresse do distanciamento do lar. O gene 5-HTTLPR, por exemplo, está associado a maior vulnerabilidade emocional: indivíduos com a variante de alelo curto tendem a apresentar mais sintomas depressivos em situações estressantes (Caspi et al., 2003).

Experiências adversas podem induzir alterações epigenéticas — como a metilação do DNA — que afetam a expressão de genes ligados ao controle do estresse e da ansiedade (Meaney & Szyf, 2005). Isso sugere que o ambiente universitário pode provocar impactos biológicos duradouros nos estudantes deslocados.

Sob o olhar da psicologia, Piaget contribui com a compreensão do desenvolvimento cognitivo e das funções de adaptação intelectual que são exigidas no processo de autonomia universitária. Já Wallon, ajuda a compreender a tensão entre afetividade e cognição na formação da identidade e na capacidade de regulação emocional em contextos de mudança e instabilidade.

Os estudos de Plomin et al. (2016), por sua vez, reforçam que o desempenho acadêmico também possui determinantes genéticos, influenciando habilidades como atenção, memória e motivação — aspectos que se desenvolvem em articulação com o ambiente, conforme reconhecem as abordagens do desenvolvimento humano.

Conclusão:

A adaptação de estudantes deslocados envolve uma interação complexa entre fatores emocionais, sociais, biológicos e contextuais. A articulação entre teorias psicológicas e achados da genética e epigenética permite uma compreensão mais integrada dos desafios enfrentados por esses jovens. Essa perspectiva ampliada pode subsidiar estratégias institucionais mais eficazes de acolhimento e apoio, promovendo não apenas o sucesso acadêmico, mas também o bem-estar psicológico durante a vivência universitária.

Palavras-chave: estudantes universitários; adaptação; genética.